

PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL  
V — JOURDAIN GUIBELET (+)

“Nihil sub sole novi” (Eccle. 1, 10)

*“Il ne faut point attribuer la différence des hommes pour ce qui est de la science, à la variété des esprits, comme à la diversité des volontés. Tout homme est capable de savoir les sciences, pourvu qu’il s’y emploie avec de l’affection”*

(Guibelet)

*“S’il arrive que la nature manque, c’est-à-dire, si l’enfant est de dur esprit, et comme stupide de première constitution, pourvu qu’il se propose de rouler sa pierre, il trouvera que l’étude lui sera plus libérale que la nature. Nam labor ingenium miseris dat”*

(Guibelet)

*“Nourriture passe nature”*

(Guibelet)

*Henri Chabassus*

O AUTOR —

O nome de Guibelet não consta em nenhuma das 34 enciclopédias e grandes dicionários consultados. Não o mencionam tão pouco Guardia em suas duas obras sobre a história da medicina. Não o traz também Leclerc na sua “Biographie Médicale”, nem Entralgo em sua “História Universal de la Medicina”. Não é contemplado também nos 25 volumes do “Kindlers Literatur Lexikon”.

A única notícia obtida sobre o autor é a fornecida por ele mesmo na portada de sua obra: “Jourdain Guibelet, Docteur en Médecine, & Médecin du Roy à Evreux”. A data da impressão do livro, 1631, e a existência de outra obra sua publicada em 1603, permitem, ainda que incompletamente, situá-lo no tempo.

## O LIVRO —

1. **O Título do Livro** — A obra intitula-se “Examen de l’Examen des Esprits”. O “Examen des Esprits” ao qual se refere o título é a obra de Juan Huarte de San Juan “Examen de Ingenios para las Ciencias” (1575), já analisada em “Síntese”, nº 33, Guibelet se propõe um exame, melhor uma crítica e crítica severa e por miúdo da obra de Huarte. Para se ter idéia da diligência, da minuciosidade com que Guibelet se dá a esse trabalho, baste dizer que enquanto a obra de Huarte contém 15 capítulos com 320 páginas de texto propriamente dito, a crítica de Guibelet tem nada menos que 50 capítulos e 885 páginas, das quais 70 são índices e liminares.

A edição aqui estudada é a editada em Paris por Michel Soly em 1631. A existência na “Bibliothèque Nationale de Paris” de um segundo exemplar do livro, editado também em 1631 por Vve. J. de Heuqueville & L. de Heuqueville”, pareceria indicar uma segunda edição do livro. Este exemplar é idêntico à edição de Soly. O “Privilège du Roy” ao fim do livro explica que “ledit Michel Soly a cedé la moitié dudit Privilège à la veufve Jean de Hevqueville, & Louys de Hevqueville tous Marchands Libreires à Paris ...” Parece que o livro não teve senão uma edição, a de 1631, dividida entre Soly e de Heuqueville.

2. **Estrutura da Obra** — Começa por uma dedicatória a Monsenhor François de Péricard, bispo de Evreux (3 páginas). Vem a seguir 3 páginas dedicadas ao leitor, e dois índices: um dos autores citados no livro (6 páginas), e o outro, dos capítulos (5 páginas). Só então vem o Prefácio (15 páginas). Até aqui as páginas não são numeradas, mas designadas por letras, segundo o uso da época, v.g.: ãij, ãiij, etc. A numeração começa com o primeiro capítulo do texto, numerado de 1 a 813. Há ainda 48 páginas de “índice de coisas notáveis contidas no livro, e, por fim, duas páginas com o “Privilège du Roy” que outra coisa não é senão a licença para se poder imprimir o livro.(++)

3. **O objetivo da obra** — Na dedicatória a Mons. de Péricard, Guibelet indica três motivos que o levaram a escrever seu livro. O terceiro motivo encerra a meta de Guibelet.

1º — O primeiro motivo é prestar homenagem às virtudes do bispo. Diz que apesar de sua atitude ser sempre de respeito e preito ao saber e às virtudes do bispo, “julga-se obrigado a mais que isso, ... a deixar para a posteridade o testemunho” dessas qualidades. “Mereceria ser vituperado” se não realizasse um meio de *sempre* reverenciar o bispo

(p. 1ª e 2ª). Parece clara a idéia de Guibelet de que seu livro lhe sobreviverá. Para sempre? Talvez pense com o poeta: "Non omnis moriar". Na realidade, o livro parece ter ficado só na primeira edição. Pelo menos é esta a única edição que consta do catálogo geral da Biblioteca Nacional de Paris.

2º — Pretende que o bispo seja juiz na sua contenda com Huarte. Confia absolutamente na capacidade e na retidão do bispo: "Julguei que na República das Letras, ninguém é mais capaz que Vós de protegê-lo (Huarte) e de ser árbitro em nossa contenda" (p. 2ª).

3º — A terceira razão é mostrar a debilidade dos princípios em que se fundamenta Huarte, o que se faz necessário, pois seu livro vem encontrando aceitação "dos melhores talentos" (p. 3ª). Mais para diante, no prefácio, encontra-se ainda uma intenção de Guibelet, implícita neste item 3º, que é, diz ele, "aproveitar ao público e destruir o que ele sustenta contra a verdade" (p. 22ª).

O estudo do livro de Huarte em "Síntese" nº 33, é uma abordagem descritiva da obra, em busca de elementos de interesse para a Orientação Vocacional. A abordagem de Guibelet é outra. Ele visa infirmar as teorias de Huarte, cuja aceitação até pelos "melhores talentos" o alarma. Como Huarte, Guibelet é médico e é como médico que ele ataca o livro. Sua abordagem é crítica. Assim, muito do que aqui se vai dizer sobre Huarte não consta naquele artigo. Este escrito pode, pois, melhorar o quadro ali traçado sobre as teorias de Huarte. Guibelet, por vezes, perde a elegância e excede-se no ataque. Sua crítica é mordaz, sarcástica e trai certa indisposição contra o que à França chega "de par delà les monts", para usar uma expressão sua.

**4. Desenvolvimento do livro — Capítulo I** — Aqui apresenta um conspecto geral da obra e a crítica em bloco: Huarte inverte os princípios das operações humanas, rebaixando instâncias superiores do espírito ao papel de subalternas de instâncias inferiores; abandona sem razão princípios geralmente admitidos, e toma posições "ousadas", como a de que "o temperamento é o princípio de todas as operações da alma" (p. 3). Guibelet propõe-se ensinar a Huarte como deveria ter procedido. Diz que Huarte se propõe quatro metas em seu livro (ver "Síntese" 33, 81), de duas das quais safou-se "o menos mal que pôde" (p. 6), mas nas duas últimas "faltou grandemente, nada trazendo de notável nem de conseqüência" (ib.). E no que aí traz é incoerente pois, em vez de, do temperamento *de uma criança*, concluir qual é seu talento e daí a que ciência se deve dedicar, — que é o que se propusera em seus 3º e 4º itens — Huarte, da capacidade *de*

*um homem maduro*, conclui qual é seu temperamento; da mesma forma, em vez de do calor, provar a bondade maior ou menor da imaginação, inverte o processo, e da bondade da imaginação, conclui qual o seu grau de calor (p. 7). Apesar do sarcasmo com que termina o capítulo (p. 12), Guibelet é ainda bastante moderado.

**Capítulos II e III** — Estes capítulos são uma contestação do I capítulo de Huarte. Guibelet diz que, nos limites da normalidade não há homens incapazes de aprender, e que cada um não é feito para uma só ciência. São dois capítulos gostosos de se ler. Neles mostra Guibelet o de que é capaz, quando ele quer, a sua “finesse française”. Sua crítica é de valor vário, mas tranqüila, serena, e faz lamentar a quem o lê, a perda do que poderia ter sido uma obra-prima de crítica científica e literária. Tivesse ele mantido a dignidade e a altura a que se eleva nestes dois capítulos, e seu livro teria sido um nectar para quem gosta de saborear o prazer estático do belo na expressão da busca da verdade.

Nos capítulos em pauta, ambos os autores fundamentam-se na observação quotidiana, no senso comum e no parecer de grandes homens de ciência. Guibelet chega a invocar os mesmos textos usados por Huarte, buscando mostrar como ele os entendeu mal. “Não há nada que altere tanto a doutrina dos bons autores, como servir-se nuamente de suas palavras e interpretá-las segundo o rigor da letra” (p. 35). Por vezes, é nítida e serena a posição de Guibelet contra Huarte: Platão não diz que não se possa *saber* senão uma ciência ou arte, mas que não se podem *exercer* duas com exaço. O próprio Huarte cita Platão certo ao pé da página (ou à margem); no texto é que troca *exercer* por *saber*, deturpando o sentido. E ainda Platão diz que “é útil ... saber todas as ciências; aliás a dialética é necessária para o conhecimento das outras” (p. 57).

Guibelet usa também lógica mais formal, mais rigorosa: “se cada engenho só é capaz de uma ciência, esta limitação vem ou da alma, ou das ciências, ou do temperamento”. E busca mostrar que nenhuma dessas alternativas é verdadeira. E conclui: Logo, “ou a doutrina de Huarte é falsa, ou um homem pode ter diferentes temperamentos ao mesmo tempo” (p. 44), pois é capaz de mais de uma ciência.

Guibelet não deixa passar as falhas de Huarte. Sobre Demóstenes e Xenócrates, tardos na infância e habilíssimos na idade madura, diz Huarte: “Se Cícero tivesse conhecido os verdadeiros sinais com que se descobrem os engenhos na primeira idade, haveria tido por bom

indício ser Demóstenes rude e tardo no falar, e ter Xenócrates necessidade de esporas quando estudava" (p. 70). Ao que observa Guibelet: Huarte "teria feito muito se, com clareza e por sinais certos, tivesse mostrado o meio de conhecer nas crianças esta capacidade ou incapacidade oculta. Mas faltou nisto, como em tudo o mais, ou porque o ignorava, ou porque não podia dizer a causa, sem contrair a suas máximas" (p. 8). Guibelet critica ainda esmiuçadamente outras proposições de Huarte.

**Capítulo IV** — Aqui a crítica de Guibelet já não é tão serena. "Ele (Huarte) diz que a natureza é o temperamento", e que ninguém o disse antes dele (H. 80-87; G. 64)(1). Mas pouco depois se contradiz, citando Aristóteles em abono de sua sentença. Guibelet afirma ainda que outros mais o disseram antes de Huarte, v.g., Fracastor (ib.).

Para provar que o temperamento é que faz os homens sábios, Huarte argumenta com a variação da inteligência na evolução da idade, desde o despontar até à caducidade. "Esta variedade de engenhos é certo que não nasce da alma racional, porque em todas as idades ela é a mesma ... mas procede de ter o homem, em cada idade, temperamentos diferentes..." (p. 87). E conclui: "De onde tomamos *argumento evidente* que, visto que uma mesma alma faz obras contraditórias em um mesmo corpo *por ter em cada idade temperamento diferente*, ... ao qual os médicos e filósofos chamaram natureza, por ser ele o princípio de todas as obras da alma racional" (p. 87). Como se vê, a conclusão é tirada com certa ligeireza.

Huarte atribui o temperamento do homem ao clima (temperamento) da região. Assim: "Disse muito bem Galeno que fora da Grécia, nem por sonhos a natureza faz um homem temperado, com o engenho que todas as ciências requerem. A razão é que a Grécia é o país mais temperado do mundo, onde o calor não excede a frialdade, nem a umidade a sequidão. E *esta temperança* faz os homens prudentíssimos e hábeis para todas as ciências, como se vê considerando o grande número de varões ilustres que dela saíram". ... "Suas obras estão cheias de todas as ciências; não são como os escritores de outros países, que só escrevem sobre um assunto" (p. 289).

Ao que responde Guibelet: "Concedo que a natureza e o temperamento sejam uma mesma coisa" (p. 67), que "o temperamento é útil para ter um bom talento" (p. 75); "que o temperamento ajuda a fazer os sábios" (p. 77), mas nego que "o temperamento seja o princípio de todas as operações da alma racional, que seja ele que faz os

homens sábios, e que ele seja a causa da diversidade dos talentos" (p. 67). A causa da variedade dos engenhos não é o temperamento. A Grécia não mudou de temperamento, e à riqueza de talentos que teve no passado, sucedeu o que se vê hoje: só ignorância (p. 70.71). Se fosse só o temperamento, por que só Atenas teria tido grandes homens e não Tebas e não a Beócia onde o clima é o mesmo de Atenas? *"Em minha opinião, o que tem mais poder para a diferença dos engenhos é a desigualdade*

*"Em minha opinião, o que tem mais poder para a diferença dos engenhos é a desigualdade das almas"* (p. 85). Ela foi sustentada por muitos doutos teólogos, entre os quais Sto. Tomás (p. 93). "E não há inconveniência em sustentá-la, pois doutos teólogos sustentam a desigualdade dos Anjos" (p. 92).

Como se vê aqui ambos os autores se equivalem quanto aos argumentos. Para Huarte as almas são iguais e os engenhos têm por causa o temperamento. Para Buibelet as almas são diferentes e esta diferença "é o que tem mais poder para a diferença dos talentos" (p. 85). Guibelet prossegue: Há ignorantes de bom temperamento, assim como há homens de talento medíocre com temperamento menos bom, com "céu adverso ao nascer", e que suprem estas deficiências com a "afeição à ciência", o calor do estudo e a disciplina. E remeta: "Quando o céu, a natureza e os elementos nos voltam as costas, podemos por estes três meios ser Mercúrio e Saturno por nós mesmos" (94.95).

Neste capítulo há ainda três coisas interessantes. A primeira é que, segundo Galeno, "hipócrates soube a razão dos dias críticos", mas por não a ter registrado, "após ele, nesse assunto só nos resta ignorância" (p 91.) A segunda é a afirmação que na cidade de Bourges alguém inventou o meio de fazer vidro que não podia ser penetrado pelos raios do sol, mas negou seu segredo à posteridade (ib.). O século XVI ou XVII já teria, pois, o segredo dos vidros "ray-ban"! A terceira é o princípio sobre as hipóteses: "Quando se trata de coisas obscuras e muito difíceis, ... não é tão necessário inquirir se as hipóteses que servem de fundamento são verdadeiras ou falsas, desde que levem fielmente a uma ciência certa. E eu perdoaria ... ao nosso autor espanhol a falsidade de seus princípios, se por este meio, chegassemos ao efeito de suas promessas" (p. 66), mas não foi o caso.

**Capítulo V** – Huarte afirma sempre que é o temperamento que faz o homem sábio, de tal forma que se a criança pudesse nascer com temperamento frio e seco, segundo ele o temperamento da inteligência,

seria capaz, "logo ao nascer, de discorrer e filosofar melhor que se houvesse aprendido nas escolas" (H. p. 106; G. p. 95). Ao que reage Guibelet: "Eis muitos erros em poucas palavras, e com mais malícia que ingnorância" (p. 96). E prova: Segundo Huarte a criança poderia discorrer e filosofar logo ao nascer, se tivesse temperamento frio e seco, que dá as qualidades do entendimento. Como não pode nascer fria e seca, pois só chega a isto pouco a pouco e com o tempo, também não pode ser sábia logo ao nascer, mas só pouco a pouco e com o tempo. E prossegue Buibelet: Huarte mostra aqui mais malícia que ingnorância, porque toma esse exemplo, que se verifica impossível, para iludir a consequência natural de sua teoria. Ele sustenta que as ciências dependem do temperamento, mas percebe que a consequência lógica seria que a criança recém-nascida, que é por natureza quente e úmida, deveria então ser capaz imediatamente das ciências que correspondem ao calor e à umidade, que são, segundo sua teoria, as da imaginação e da memória, v.g. a poesia, a eloquência, a música, a prática da medicina, as matemáticas, a astronomia, a arte de governar, a teoria da jurisprudência, as línguas, etc. Ora sendo isto claramente absurdo, ele escamoteia a dificuldade, silenciando esta consequência e iludindo o leitor incauto, com o exemplo impossível de uma criança fria e seca.

Apesar da clareza com que aqui se expressa Huarte, poderia alguém pensar que ele entenda o que aqui afirma, como uma capacidade potencial e não atual. Mas esta suposição é falsa, pois pouco adiante ele reitera seu asserto, dizendo: "Eu tenho para mim que se ... a natureza ... formasse (o homem) de semente seca e fria, *logo ao nascer* saberia discorrer e raciocinar e não seria capaz de mamar, por ser esta temperatura imprópria para tais obras" (p. 106). E a seguir: "Se o cérebro tem o temperamento que as ciências pedem, não é necessário meste que nos ensine" (p. 107). E novamente afirma, e *como fato*, que "as crianças que se geram de semente fria e seca, *como são* os filhos tidos na velhice, *a mmuito poucos dias e meses* depois de nascidos começam a discorrer e filosofar" (p. 113). Guibelet reage: ele afirma isto já "esquecido do que dissera há pouco, que este temperamento em crinaças é impossível à natureza" (G. 98; H. 106). E remata: "Jamais se viu autor algum mais pronto a sentenciar e mais ousado em se contradizer" (p. 98). E Huarte reitera sempre sua idéia, v.g. no capítulo vi: "Se a alma racional encontra um bom temperamento, deve filosofar e ser prudente e sábia, sem instrução" (p. 119). Se isto é verdade, responde Guibelet, "então por que diz ele alhures. (H. p. 76, 107), que para ser sábio é preciso ter um bom mestre? Se um e outro são necessários, todos os que tiverem o favor do temperamento sem estudos,

serão ao mesmo tempo sábios e ignorantes” (p. 99). E ainda: “SE o clima da Grécia é que plica os sábios que ela teve, por que lá hoje só há ignorância? ... Atenas está em toda parte em que as ciências estão em crédito. A ignorância que há lá hoje, não é falta de temperamento, mas de instrução”... (p. 100). A China é fértil em talentos porque lá se cuida bem das escolas. “As ciências estão banidas de todas as terras do Turco, apesar de seu clima bem temperado”. ... “Por melhor que seja nosso temperamento, se não somos *instruídos*, se não nos damos ao trabalho de aprender à força de *estudos*, é impossível possuir artes e ciências” (p. 101).

A Guibelet não falta a auto-suficiência ingênua de que ele acusa Huarte: “Ele diz que o clima de França é por demais destemperado para produzir naturezas louváveis... Uma vez que os franceses são de pior temperamento” (que os espanhóis), por que são “mais sábios” que eles? E para terminar: “Se jamais houve um homem com talento apto para as ciências, esse homem foi Aristóteles... chamado *o gênio* ... da natureza.” De onde lhe vem isto? “Não do temperamento pois senão para que tantas e tão excessivas vigílias, ... por que vinte anos na escola de Platão, se a natureza o podia tornar sábio num instante?” (p. 112.113). Por que ir Platão ao Egito para estudar astronomia, a Taranto para aprender de ARQUITAS e ainda a Megara junto de Euclides? Platão deixou o bom clima temperado de Atenas e empreendeu essas viagens para “ir ter com mestres mais hábeis que o temperamento, ... para ter mais força para filosofar” (p. 116.117). E remata com um espanhol, Valésio, que diz que o homem bem temperado sobrepuja todos os outros em sabedoria, desde que tenha conhecimento das ciências como eles. “Porque se nisso são desiguais, o temperado poderá ter menos sabedoria que outro de pior temperamento” (p. 118.119).

**Capítulos VI, VII e VIII** – São fontes mais fracas e pouca água trazem para o nosso moinho. No Capítulo VII há uma citação de Aristóteles, em que o estagirita já se mostra conhecedor de alguma coisa que só será estruturado séculos mais tarde por Mendel sobre as leis da hereditariedade. No capítulo VIII, Guibelet acusa fortemente Huarte de distorcer textos, em favor de sua teoria. Diz ele: “... estando ele apaixonado na sustentação de uma falsa opinião, não tem escrúpulos em citar erradamente as palavras de Hipócrates...” (p. 158). Sua argumentação é aqui clara e convincente. Adiante ridiculariza Huarte, por exemplo, comentando a opinião deste, que “o adulto não é capaz de mamar” (p. 171.172), mas ele mesmo, Guibelet, não é imune a certas ingenuidades, como crer no que traz Plínio e “é atestado por Mucia-

no, que diz tê-lo visto", a saber, que a Zanclés "tornaram-lhe a nascer os dentes após os 104 anos de idade" (p. 160.161). Guibelet acredita em duendes, e no capítulo XLV mostra acreditar no "fato" de uma criança que nasceu com um dente de ouro! (p. 747).

**Capítulo IX** — Aqui Guibelet parece provar um pouco demais; ora um velho aforisma diz que quem prova demais, não prova nada. Huarte afirma que pelo temperamento, o homem é capaz de predizer o futuro. Guibelet agressiva e sarcásticamente nega não só que isso seja possível ao temperamento, mas ainda que seja simplesmente possível. "Ele diz que os que atribuem tais efeitos aos demônios são rudes de entendimento e inimigos da filosofia natural; ... E eu sustento... que são totalmente ignorantes e inimigos jurados da verdade, aqueles que querem imputar à natureza coisas que ela não pode fazer e que jamais fez" (p. 178), isto é, conhecer o futuro casual e livre. E conclui: "Todas as adivinhações que não são artificiais, isto é, por conjeturas, sintomas, sinais, são ou fortuitas, ou por revelação, e jamais por temperamento" (p. 185). É possível que hoje Guibelet não afirmasse isso como um todo, com tanta segurança, visto o estágio a que chegaram os conhecimentos humanos.

**Capítulos X a XX** — Só o capítulo XIII oferece algum interesse. Aí Guibelet mostra contra Huarte, que não foram os árabes os primeiros a estabelecer localizações cerebrais. Precederam-nos Hipócrates, Aécio, Galeno e os latinos. Galeno deixou claramente expostas as perdas que se seguem à lesão do frontal, e localizou ainda a sede da memória e a da imaginação. Entre os latinos, Santo Agostinho, por exemplo, registrou a função dos três ventrículos: "o anterior, na frente, do qual dependem todos os sentidos; o posterior, no tóitico, do qual dependem todos os movimentos; o terceiro, entre os dois, no qual está sediada a memória" (p. 239.242).

**Capítulos XXI a XXVII** — Não há correspondência biunívoca entre os capítulos de Guibelet e os de Huarte. Huarte volta sobre um mesmo assunto em capítulos diferentes e Guibelet faz o mesmo. Daí um avanço ou uma volta a capítulos já vistos neste artigo. Os capítulos XXI a XL tratam das atribuições que faz Huarte das ciências a diferentes capacidades do homem — memória, imaginação e inteligência — que funcionariam como compartimentos estanques; da pretensa incompatibilidade entre essas capacidades e dos climas e de suas relações com o temperamento e os costumes. Para Guibelet, não há incompatibilidade entre essas faculdades e a memória e a imaginação não são sede de ciência alguma. A única sede de todas as ciências é o

intelecto, embora ele se sirva do ministério da memória e da imaginação (passim cap. XXI, XXV, XXVII, sobretudo p. 361s, 409, 441).

Para Huarte, "se alguém se assinala notavelmente na poesia, pode despedir-se de todas as ciências que pertencem ao entendimento" (p. 168). Guibelet, mostra por muitos exemplo, o que há de fantasia no asserto. "O que Huarte afirma está tão longe da verdade, que não houve um só poeta da antiguidade que não fosse filósofo, a não ser Sócrates que não foi poeta por decisão própria" (p. 364). E cita longa lista de bons poetas, eminentes em uma ou mais ciências, e em particular o "grande Aristóteles, que brilhou em toda espécie de ciências e ... que foi bom poeta, como faz fé o que nos restou de sua poesia" (p. 365).

Guibelet já começa o capítulo XXI agredindo: "Se o autor se conduziu mal até aqui, mostra-se ainda mais desregrado em tudo o que resta de seu Examen, de tal sorte que espero chegar antes ao fim do livro que ao fim dos erros" (p. 360). A sua invenção da oposição das faculdades "faz água por todos os lados e merece ser apagada dos registros da República das Letras" (p. 362). E pouco adiante: "Il me semble qu'il n'y a point d'esprit en tout cette Philosophie des esprits" (p. 410). Ele (Huarte) se contradiz de contínuo: "ora diz que o entendimento, a memória e a imaginação moram juntos em cada uma das células do cérebro" (p. 412), e depois vai dizer que cada faculdade tem um ventrículo diferente por sede (H.p. 309), "como se o calor de sua imaginação lhe tivesse apagado da memória o que ele diz contra isso em quase todas as páginas do seu livro" (p. 413).

Sua argumentação, ora é boa e clara, ora menos clara e apresentada por longas digressões no campo da filosofia e da medicina, e com exemplos de todos os ramos da ciência. E não lhe falta a ironia: "Ele diz que a música é incompatível com a filosofia. Não terá ele chegado a esta opinião por ter visto cantar bem ... um rouxinol ignaro das idéias de Platão?" (p. 442).

**Capítulos XXXVIII a XL** — Estes capítulos versam sobre o clima e sua relação com o temperamento, a inteligência e os costumes. Huarte deveria ver outros países antes de falar das condições dos homens conforme o clima (p. 637.640). Não há zonas inabitáveis, e o que os antigos geógrafos "disseram do temperamento das regiões, não é doutrina tão sólida que se possa tomar como regra para nela se firmar o juízo" (p. 642.643). Entre os autores há divergência sobre qual a zona mais temperada da terra, mas nem segundo os autores antigos, nem segundo os modernos, "o clima mais temperado pode ser atri-

buído à Espanha, como pretende o Examen" (p. 646.647).

É verdade que "o clima e a alimentação tenham poder para tornar os homens diferentes também no que concerne aos costumes" (ib.). "Epimênides dizia que seus compatriotas (cretenses), eram mentirosos. Cícero diz que os gregos não davam valor à fé em sua palavra e eram perjuros. Julius Maternus diz que os espanhóis são avessos ao dever e fanfarrões por natureza, e Scaliger diz que são inclinados a um fausto de tártaros" (p. 648).

Na França há toda espécie de ciências. Ora Huarte diz que o temperamento da França é ruim. Logo, deveria concluir que as ciências não dependem do temperamento (p. 661.662). É tal o estado de excelência de todas as ciências em França, "que os povos vizinhos confessam nada ter de semelhante" (ib.). E Guibelet, esquecido talvez do qualificativo de fanfarrões que parece aceitar para os espanhóis, e dos remoques com que comenta a gabolice quase ingênua de Huarte sobre os talentos de seus patrícios, remata o que acima fica com uma fanfarronada digna do mais legítimo andaluz. Diz ele: "Por isso, parece-me que os chineses têm muita razão ao dizer que o mundo só tem três olhos, dois dos quais os possuem eles e o terceiro, a França, e que em todo o resto do mundo não há senão cegueira" (ib.). Mas é apenas humor, ímpeto, capricho, pois continua: "É certo que os países quanto mais ao oriente, têm mais agudos e mais subtis espíritos: de modo que a França sobrepuja nisso a Inglaterra; a Itália, a França, e a Grécia, a Itália, ... (ib.). E pouco mais adiante: "Todas as regiões terão sempre bom ar, bom clima, contanto que as letras estejam em crédito e o trabalho do estudo seja recompensado" (p. 663). E ainda: "Se as ciências dependessem do clima da região, "cada nação não seria própria senão para certas ciências, ... ora, na França, na Espanha, na Itália, não há quase cidade que não cultive algum diverso gênero de estudo, embora todas com um mesmo clima e na mesma região" (p. 666).

A ciência não se deve ao temperamento, ao bom ar, à terra, ... como quiseram alguns, mas à instrução, ao estudo, à diligência. "A experiência ensina que uma criança nascida com todos os dons da natureza, se não for bem instruída, diligente, será sempre ignorante, a despeito do céu e da terra" (p. 663).

**Capítulo XLI** — Diz Huarte que, segundo Galeno, "o homem ... não difere da mulher, senão em ter os genitais fora do corpo" (sic, p.315). A anatomia de ambos os sexos é absolutamente a mesma, "e de tal forma é isto verdade, que se acabando a natureza de fabricar um ho-

mem perfeito, o quisesse converter em mulher, não teria mais trabalho que recolher-lhe os instrumentos da geração; e se feita mulher, quisesse torná-la varão, arrojando-lhe fora o útero e os testículos, nada mais ficaria por fazer" (ib.). Assere Guibelet que no que se conta sobre isso, trata-se ou de crescimento anormal do clitóris, ou de retenção temporária dos órgãos sexuais masculinos ou de androginia. Guibelet é razoável em sua argumentação, mas excede-se duas vezes. A primeira, ao negar que a sodomia possa ter causa ou concausa orgânica; a segunda, ao afirmar que "os bons talentos que se deram ao trabalho de ler seu livro (de Huarte), *todos* julgaram que ele é falto de critério" (p. 680). Sua frase parece conter uma condenação de todo o livro, e então pergunta-se: Se "todos os bons talentos julgaram Huarte falto de critério" em seu livro, como diz alhures Guibelet que Huarte é "tant estimé des meilleurs esprits de toutes sortes de professions"? Como diz que "ataca ente autor espanhol homem *verdadeiramente sábio* e de bom talento"? (p. 2ª). E ainda: "S'il n'eût été homme d'esprit, il n'eût jamais entrepris cette doctrine des esprits" (p. 22ª). E prossegue dizendo que "sendo (Huarte) homem de talento, não deve enfadar-se nem comigo, que pretendo combatê-lo no campo da razão, nem consigo mesmo, pois os erros são naturais aos homens" (ib.).

**Capítulo XLIII** — Huarte afirma que durante a gestação a criança se alimenta do leite materno (p. 316.318). Contra isto insurge-se Guibelet, afirmando sarcasticamente que o texto de Hipócrates invocado por Huarte para respaldar sua sentença, serve tanto para prová-la como para "a geração dos metais e o levantar e o pôr do sol" (p. 716). O único autor que foi capaz de dar interpretação tão extravagante ao texto de Hipócrates, foi Huarte (p. 718). "A opinião de Hipócrates é pois, que no útero materno a criança se nutre pelo cordão umbilical" (ib.).

**Capítulo XLVI** — Huarte diz que os filhos dos grandes homens quase sempre degeneram das virtudes de seus pais, e a razão é que "os filhos dos homens sábios quase sempre se fazem da semente de suas mães, porque a semente desses pais ... é infecunda para gerar, e na geração apenas serve de alimento" (p. 349.s). Guibelet diz que não é exato que os filhos dos grandes homens *quase sempre* degenerem das virtudes dos pais, e sim que: 1º) o povo é que diz isso; 2º) e fá-lo porque os filhos dos grandes estão mais expostos à observação; 3º) Não é fenômeno geral, são casos esparsos; 4º) Há também filhos de pobres que degeneram da virtude de seus pais; 5º) Há inúmeros exemplos de grandes homens nascidos de outros grandes; 6º) Por fim, aqui Huarte contradiz sua posição. E com argumento simples, claro, bem pensa-

do, mostra que *segundo a teoria de Huarte*, "se a semente do pai só serve de alimento" a criança seria uma menina e não um menino, e quanto ao talento deveria sair ao pai e não à mãe. E conclui: "Tanto broncos e estúpidos, como homens sábios, podem igualmente gerar broncos ou hábeis" (p. 759). E não podia faltar sua gota de fel a "esta filosofia de Espanha" (p. 756), que mostra uma "ignorância ridícula... não só em seu país de sabedoria, mas em toda a República das Letras" (p. 760).

**Capítulo XLVII** — Aqui trata Guibelet dos bastardos e dos eunucos. Ele está de acordo com Huarte em que a maioria dos bastardos são gentís e talentosos. Para Huarte, isso vem do "calor da semente, que é mais cozida que a dos pais legítimos" (p. 361). Para Guibelet, isso vem "do fervor com que se deram ao ofício" (p. 761). "Eles são extremamente inclinados ao bem ou ao mal, conforme o alcance de seus talentos, que não são ordinários. Mas a instrução e a orientação têm grande força para isso" é o que pensa Guibelet (p. 764). E os eunucos? "Por que são todos de má vida?" (ib.). Não é exato isso, diz Guibelet. A história apresenta exemplos de eunucos de maus costumes, mas "os eunucos não podem ser condenados com leviandade e com julgamento precipitado" (p. 766), pois há entre eles exemplos de singular virtude, de talento, de bons costumes (p. 767.768). E conclui: "Fique pois assente que os bastardos e os eunucos podem ser broncos ou talentosos, de boa ou de má vida, tal e qual como os outros homens" (ib.).

**Capítulo XLIX** — Este capítulo versa sobre a geração das crianças e sua alimentação. Guibelet diz ter "demonstrado que a maior parte das proposições do Examen é ou falsa, ou suspeita, ou mal estruturada" (p. 785). "Há sim nelas, algo de louvável na ordem e na seqüência das proposições, mas pouco de verdade" (p. 786). Guibelet e Huarte divergem sobre as qualidades de vários alimentos, mas de suas razões só poderia julgar um médico (p. 786.791). Há, porém, uma crítica de Guibelet que parece feita não só "com mais malícia que ignorância", para usar uma expressão sua contra Huarte, mas com muita malícia e malevolência, salvo melhor juízo. Diz ele: "Até agora Huarte disse e redisse que as mulheres são frias e úmidas, e agora quer obrigar os pais a buscar uma ama quente e seca, que é coisa impossível segundo suas máximas" (p. 791). Ora, isso não é verdade. Realmente para Huarte a mulher é fria e úmida, "a mulher para ser fecunda ... tem que ser fria e úmida" (p. 316); "as mulheres que têm o ventre muito quente e seco, não concebem" (p. 317); e numa forma universal: "Não há mulher quente e seca, nem quente e úmida, nem temperada" (p. 324). Mas seu capítulo XV está cheio de referências

a mulheres "frias e úmidas no primeiro grau". Em seis páginas vem isto sete vezes (p. 318.323). Ora a frase vituperada por Guibelet é de meridiana clareza e não deixa lugar à dúvida. Diz Huarte: "... buscar uma ama de temperamento quente e seco, ou — segundo nossa doutrina — *fria e úmida no primeiro grau...*" (p. 369). Seria imperdoável que Guibelet tivesse escamoteado a cláusula elucidativa de Huarte, para o poder atacar. Guibelet é tão exato ao citar textualmente Huarte, que parece difícil acoimá-lo de tal deslise. Por vários indícios tem-se a impressão de que usou o texto reformado de Huarte, edição de 1954, e não a original de 1575. Se nessa edição faltar a cláusula em questão, fica explicado o fato e salva a posição de Guibelet. O autor deste artigo não tem no momento a possibilidade de fazer esta verificação.

**Capítulo L** — No capítulo L e último, diz Guibelet que o principal assunto e a meta do livro de Huarte deveria ter sido "ensinar os meios de conhecer as inclinações naturais das crianças e os sinais pelos quais se pode julgar da capacidade de seus talentos" (p. 802). Na falta de Huarte, ele se propõe fazê-lo. E dá grande série de sinais sobre a cabeça — forma, tamanho, cabelos, rosto —, a pele, as unhas, os olhos e o espaço entre eles, as carnes, a fronte, a mão, as ações, os maus procedimentos, a precocidade, o tacto, o odorato, o paladar, o pudor, a memória topográfica, a proposição de questões difíceis.

Já dissera Guibelet, que os sinais que traz Huarte referem-se a homens feitos e não a crianças, e assim já se tornam inúteis. Um dos fins que se propusera Huarte era, de fato, "com que sinais se hão de conhecer (as diferenças de talento)" (p. 62). Em que pese a Guibelet, Huarte não faltou a este seu propósito. É verdade que não o fez na forma sistemática de Guibelet, reunindo esses sinais todos em um só capítulo. É verdade também, que por vezes inverteu o processo, como já ficou assinalado, inferindo o temperamento das qualidades de talento apresentadas, quando devia fazer o contrário. Mas, em primeiro lugar, Huarte traz grande número de sinais que podem referir-se tanto a homens feitos, quanto a homens "in fieri"; em várias passagens ele diz expressamente "muchacho" (p. 91, 144, 170, ...). Em segundo lugar, estabelecido o seu sistema, sabe-se qual a correspondência entre o temperamento, as quatro qualidades elementares e as potências — memória, imaginação e inteligência —, de modo que não há inconveniência nem incoerência em chegar ao temperamento em virtude de ações externas e qualidades notadas com facilidade. E mais ainda, em grande número de casos, Huarte procede exatamente como Guibelet quer e como de fato é melhor que se proceda: traz os sinais e infere o tipo de talento. Huarte traz sinais em grande número, só lhe faltando uns

poucos dos que traz Guibelet. Sobre vários itens traz mesmo mais sinais que Guibelet. E se alguns sinais de Huarte são curiosos, são-no também alguns de Guibelet. Quem admitiria sem pestanejar, talvez mesmo em seu tempo, que o homem inteligente "deve ter os olhos azuis"? (p. 807.807). Em que pé ficariam então os egípcios e os chineses, cuja inteligência é tão louvada por ele?

Mas o que há de mais interessante nesta questão é que aqui Guibelet exige de Huarte o que nele vituperava no capítulo V. É chocante a correspondência do que ele ali ataca em Huarte e do que aqui se propões fazer e faz. Veja-se o cotejo do que diz nos capítulos V e L respectivamente:

V — "Os sábios de França não aprovam que se tome tanto trabalho em descobrir os temperamentos das crianças, suas inclinações naturais, e em que elas serão mais hábeis, porque em tudo isso não há senão obscuridade e incerteza. Em vez de tanta etiqueta, de tantas cerimônias, prognósticos e vãs conjecturas tiradas do temperamento, dos traços do rosto e dos primeiros movimentos das crianças, eles acham que desde a infância se lhes dê uma instrução útil e boa indiferentemente, para os costumes e para as letras, a fim de empregá-las depois, em tudo que a razão, sua condição e inclinação e a sorte lhes ditaria ao chegar à idade do juízo." (p. 117).

L — "O autor do Examen ... teria feito melhor em ser mais exato em ensinar os meios para conhecer as inclinações naturais das crianças, e os sinais pelos quais se pudesse julgar da capacidade de seus talentos. ... Mas uma vez que ele faltou a este dever ... buscarei aduzir algumas regras ... Nas crianças podem-se reconhecer alguns vestígios e como que certas sementes de hábitos que lhes são prometidos. ... Há tanta correspondência e afinidade entre a alma e o corpo, ... que chegamos ao conhecimento dos movimentos, da capacidade das crianças e do que se pode esperar de seus talentos, por meio do rosto, chamado por isto espelho da alma, e pelas outras partes do corpo e pelas ações; ... Os sinais mais consideráveis do bom talento das crianças.. estão principalmente na cabeça" (p. 802.803).

Vemos assim Huarte preso por ter cão e preso por não ter cão. Parece incoerente a posição de Guibelet. Deve-se observar ainda que Guibelet se queixa de que Huarte não prova o que afirma. Aqui faz ele o que critica em Huarte: os sinais todos que traz, vêm em forma meramente afirmativa sem nenhuma prova.

## ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

Infelizmente é nota característica do escrito o remoque, a chufa, a mofa, a zombaria. Não se pode dizer que Guibelet perca o domínio

de si, mas perde certamente a moderação e a elegância. À ufania um pouco ingênua que aparece às vezes em Huarte, Guibelet replica com o sarcasmo ofensivo, que atinge não só o homem, mas ofende os brios pátrios e da raça. E esse sarcasmo ferino serpeia em todo o livro; reponta já no prefácio e não desaparece totalmente antes que acabe o livro. É bem mais moderado porém, nos últimos capítulos, que são expositivos de sua doutrina. Já no prefácio, ele acoima Huarte de "presunção e ostentação" (p. 19ª). No capítulo IV: "... dizer que o talento depende só do temperamento, é faltar ... desse bom temperamento *de além montanha*" (p. 83). Mais tarde: "Deixo a experiência para *os melhores cérebros de Espanha*" (p. 667). E logo a seguir: "Prezo tanto a cor alvadia dos franceses, que se um espanhol me pedisse para lavar-lhe a tigna (cor trigueira), eu experimentaria dar-lhe uma demão desta cor da coragem" (p. 669). No capítulo XLI: "... como nos vimos querer fazer crer nosso Examinador, ... *por uma jactância espanhola*" (p. 696). São freqüentes expressões como "o nosso espanhol", "esta filosofia de Espanha", "em seu país de sabedoria", etc.

Guibelet mostra vivacidade e agudeza de espírito. Há observações suas que vêm perfeitamente a calhar para as fraquezas de Huarte. O estilo é bom, leve, fluente e a linguagem clara. Sua argumentação tem valor vário, como ficou dito. Por vezes é fraca e não convence, e de uma extensão que não melhora seu valor provativo; mas há grandes momentos de argumentação lógica, sólida, arguta. É nestas horas sobretudo que o livro dá prazer, já pela vivacidade do raciocínio, já porque o autor é então moderado, ficando na pura argumentação e esquecendo sua verve irônica e zombeteira.

Guibelet mostra grande conhecimento de Galeno e Hipócrates, o que é natural, mas mesmo fora da medicina espraia-se galhardamente, sobretudo pela filosofia, pela teologia, pela história, pela geografia, e mostra fabulosa leitura dos antigos e modernos, citando-os no original grego e latino. Só as citações mais extensas são 830 de 205 autores.

Guibelet é um voluntarista. Enquanto Huarte faz depender o êxito sobretudo das boas graças da natureza, da habilidade natural para o exercício de uma profissão, Guibelet enfatiza muito mais o poder da vontade. Cícero diz que para aprender três coisas são necessárias: "vontade, estudo, disciplina" (p. 15). E Plutarco: "Se alguém pensa que por não ser bem nascido, não possa reparar este defeito pela disciplina e pelo exercício, ... saiba que se engana muito" (ib.). E prossegue Guibelet: "Não há talento tão rude, tão embotado, tão estúpido, que não seja capaz de ciência, se a ela se entrega com tanto fervor,

vontade e exercício, como é necessário" (p. 22). "Nourriture passe nature", a educação vence a natureza (p. 25). E assim todo o capítulo II e outros mais. Se falha a natureza, o desejo de aprender, o estudo aturado, a disciplina e o exercício geram a ciência, diz Guibelet, nas mais variadas formas.

A vontade é enfatizada em todo o livro, mas sobretudo nos capítulos II, III, IV e também nos XXXIX e XLIX. Ai são freqüentes as expressões que supõem o exercício desta potência: vontade de aprender, coragem, paciência, trabalho, empenho, diligência, aplicação, perseverança, disciplina, exercício, esforço, estudo aturado, obstinado, sacrifício, etc. Só no capítulo II, em 22 páginas, traz mais de cem vezes a palavra vontade, ou a de instâncias que a supõem. E nos capítulos III e IV dá-se o mesmo. Um pouco menos nos capítulos XXXIX e XLIX.

**Elementos para a Orientação Vocacional** — Guibelet não fica só na vontade. Reconhece o valor de outros fatores, tais como a habilidade, a inclinação, o gosto, o interesse, a "afeição" do interessado pela profissão. E da parte dos mestres, a observação, a orientação, a adaptação à natureza de cada aluno, a prudência, a ajuda, o seguimento individual, a paciência, o otimismo.

**Habilidade** — "Requer-se certa habilidade natural para exercer qualquer ofício com distinção e facilidade" (p. 31). Às vezes não traz a palavra, mas o sentido é o mesmo: "Com maior razão, aquele que seja naturalmente disposto para ..." (p. 43). "Baldo não tinha o talento próprio para ..." (p. 59). E como estas, outras formas.

**Inclinação** — Vem muitas vezes com o termo próprio: "... para a qual ele tinha mais inclinação" (p. 36); "as inclinações naturais" (p. 46), e assim com muita freqüência. Por vezes usa outros termos sobretudo "afeição", que no livro aparece com significações diversas.

**Interesse** — O termo não aparece, mas sim a coisa, designada por expressões diversas que, ou o significam ou o supõem: *desejo* de aprender uma profissão, *diligência* que põe nisso, *sacrifício que para isso se impõe*, *esforço que exerce*, *trabalho a que se entrega*, etc. (passim nos capítulos II, III e IV).

**Gosto** — Guibelet traz quer o próprio termo (v.g. p. 26), quer expressões que outra coisa não podem significar: "coisa que lhe agrada e que ele deseja" (p. 54), "o que lhe dá prazer" (p. 55), "profissão que lhe agrada" (p. 62), "o prazer que lhe proporciona" (p. 450), etc.

Traz ainda palavras que significam promiscuamente, pelo menos no contexto, gosto, inclinação, prazer, satisfação (cap. II, III, IV, passim). "É a afeição que nos torna fáceis toda espécie de empresas, que tira o pesadume do estudo e que nos torna as vigílias mais agradáveis que o repouso" (p. 16). E possível, no contexto, ver aqui uma expressão da contade, mas salvo melhor juízo, parece que "o que tira o pesadume do estudo", o que "torna as vigílias mais agradáveis que o repouso", diz respeito antes a uma disposição da natureza que a um esforço da vontade (Cfr. "Síntese", 21, 82.83).

**Escolha** — Ela é expressa mais de uma vez, p. ex.: "a escolha daquela profissão de que ele mais gosta" (p. 3). "Qualquer pessoa em idade de escolher uma profissão..." (p. 54). "Todos acham que se deve antes seguir a escolha que a criança faz de um ofício ou de uma ciência para a qual ela naturalmente se inclina, que empregá-la em outra contra sua vontade, visto que a afeição facilita a aprendizagem" (p. 62. 63). Outras vezes a escolha é suposta por expressões diversas, como: "Alguém, que nasceu nos Alpes, desce a Veneza para se fazer gondoleiro; outro deixa Veneza ... para tornar-se escudeiro em roma ... Estas particulares afeições dependem da liberdade da alma, segundo o juízo que ela faz da utilidade ou inutilidade das coisas. ... A eleição da alma ... dispõe e dá uma primeira inclinação a isto ou àquilo... A vontade é livre de querer o que lhe agrada" (p. 54.55). Mas também para Guibelet, embora por outros motivos que para Huarte, parece que a escolha da criança pode ser contrariada: "Nestes exercícios, os mestres poderão reconhecer se eles não têm inclinação para alguma ciência particular, pois é certo que eles se inclinam de boa vontade para alguma e nesta devem ser empregados porque é mais proporcionada a seu talento. Mas se esta espécie de estudo não corresponde à sua condição, ou se os pais fossem constrangidos a aplicá-lo a uma outra, não se deixará de desviá-lo de sua primeira inclinação, ... Os pais podem ter grandes razões para o adiantamento de seus filhos" (p. 801.s.). Como se vê, o que Guibelet permite contrariar é a inclinação, mas as razões que apresenta, razões sociais ou de pura conveniência familiar, valeriam também para a escolha. Ainda quanto à inclinação, Guibelet pensa que a própria criança possa, com sua liberdade, escolher uma profissão desviando-se de sua inclinação natural (p. 62. 63).

**Preocupação social** — No prefácio de seu livro diz Guibelet que no exame do Examen "não teve em vista senão aproveitar ao público" (p. 22ª). No capítulo II é clara a preocupação social da profissão: "Embora seja louvável saber várias profissões, é mais útil entregar-nos

inteiramente só àquela que tenhamos escolhido, *para aproveitar ao público*" (p. 56.).

## JUÍZO FINAL SOBRE A OBRA —

A teoria de Huarte tem certa coerência interna, mas ele mesmo a rompe, e ameaça destruir o sistema, sobretudo com as exceções e os casos particulares que admite. Por exemplo, diz que para poetar é preciso ter três graus de calor, e depois estatui um temperamento equilibrado apto para todas as artes e ciências, inclusive a arte de fazer poesia. Guibelet não perdoa essas falhas, que lhe oferecem pasto fácil e abundante para sua crítica. Mas não fica só nisso e ataca todo o sistema de Huarte e fá-lo com uma rigidez, uma acribia, uma minuciosidade, e, por vezes, uma ironia e um sarcasmo que parecem trair alguma coisa mais que o simples amor à verdade. Se ele mesmo diz que "nada é mais odioso à sabedoria, do que a excessiva agudeza" (p. 19ª), por que tanto acume, tanta severidade no julgamento de Huarte? Ele diz que seu fito é servir à verdade (p. 3ª, 21ª, 22ª). Ora bem, ao editar ele a sua crítica, Huarte já era morto há mais de quarenta anos e já não tinha como se defender. Se sua intenção era apenas "aproveitar ao público e destruir o que Huarte sustenta contra a verdade" (p. 22ª), era dispensável todo o seu sarcasmo. Bastava atacar o livro e deixar Huarte na paz do seu sepulcro. O que ele realmente prova contra Huarte não seria menos convincente e teria sido, pelo menos, mais elegante. Pode-se-lhe conceder de mão beijada que ele temesse o mal que, segundo ele, o livro de Huarte já estava fazendo, pois diz que o livro deste "autor espanhol, ... homem verdadeiramente sábio e de bom talento, ... é muito estimado pelos melhores talentos de toda espécie de profissões" (p. 2ª). Ainda assim, se tivesse ficado numa crítica serena, sua obra ganharia em prestígio e em valor. Os espanhóis exageram por vezes, seus elogios a Huarte, mas Guibelet também exagera em sua crítica. *Ne quid nimis*, nada de excessos.

A posição de Guibelet parece preconcebida: ele mesmo intitula seu livro de "Contre-Examen" (p. 4ª). Tem-se a impressão de que a razão dos excessos de sua crítica reside no complexo anti-espanhol, sensível a qualquer observador em França, como é sensível em Espanha o complexo anti-francês. Em Espanha, um francês é apenas "un franchute", e não será maior o carinho dos franceses pelos espanhóis. Irritam-se e ofendem-se cordial e mutuamente como *bons vizinhos*. Documentos sobre isso encontram-se com freqüência. Há dois ou três anos, os franceses apresaram barcos de pesca espanhóis, e os espa-

nhóis, em represália, prometeram hostilizar franceses em vilegiatura em Espanha. Não há muito, os jornais noticiaram "o lamentável mal-entendido" — na expressão de Thatcher — do episódio dos cães ingleses na embaixada de França em Londres. E isso se deu exatamente no momento em que Mitterrand estava em Londres para comemorar "com grande gala a feliz 'entente' entre Paris e Londres". O título que Gilles Lapouge deu à sua notícia — Os países que não se amam — (1), vale não só para as relações entre franceses e ingleses, mas ainda para as relações entre franceses e espanhóis, assim como entre espanhóis e ingleses. Será só a vizinhança que ocasiona rugas? Cros cita o caso de uma francesinha, que tendo aprendido a tricotar, dava destino a seu primeiro trabalho, um par de meias: "Quero dar estas meias-inhas à criança mais pobre que encontrarmos, *quand même il serait espagnol!*" Amanda Jacomet tinha apenas cinco anos e já assimilara a posição anti-espanhola dos franceses. E não é só uma criança que recebe uma tradição de antipatia, sem condições de apreciar-lhe o valor. Homens de pesquisa alinhando-se com ela: Desdevises du Dezert faz o elogio de Vives em um artigo para a "Revue Hispanique" e aproveita para meter uma farpa em Espanha. Juan Luís Vives, diz ele "é de raça catalã, e é de sua raça que ele tem a paixão da independência. Ele compreendeu desde cedo *"qu'un homme épris de libre discussion ne pouvait vivre en Espagne"*(2). E Marcia Colish chama a atenção para o anti-hispanismo de Desdevises(3).

Parece que é uma antipatia visceral que faz com que Guibelet perca, bastas vezes, a moderação e a elegância na crítica de Huarte. Diga-se, não a título de argumento, mas de simples observação, que sobre Guibelet não se encontra literatura (pelo menos não foi encontrada pelo autor deste artigo), e sobre Huarte ela é abundante e internacional. O livro de Huarte ficou e ficará para a posteridade. Houvesse Guibelet vivido até o fim do século XVII, que foi o seu, e teria ele tido o desprazer de ver, só em seu século, e só em França, dezenove edições de Huarte, oito antes e onze depois de sua crítica, além de uma edição francesa de Amsterdam, como que a contradizer a sua diatribe; "sorte igual não alcançou nenhum outro livro de filosofia espanhola"(4). A ser verdade o que Guibelet diz, que o livro de Huarte tem "pouco de verdade", que "este exame de talentos é um trabalho inútil" (p. 165), que "todos os seus princípios são falsos", que "todos os bons talentos julgaram que Huarte é falta de juízo" (p. 680), como explicar tantas edições num país que Guibelet afirma ser "o único olho" do ocidente? E por que seu próprio livro terá ficado, ao que parece, só na primeira edição?

Pouco importam os erros de pormenor de Huarte, pouco importa que

durante a gestação as crianças não se alimentem do leite materno, pouco importa que o semen seja ou não da mesma substância que a urina, ou que o poeta seja capaz de outras ciências. Em que pese a Guibelet, o livro de Huarte atravessou os séculos; Sua tese principal fica de pé: Os homens são psicologicamente diferentes; a orientação vocacional é necessária; as escolas a devem ter; as aptidões do indivíduo e as qualidades exigidas pelo trabalho, são fatores que influem sobre o êxito de uma profissão, e sua teoria de Traço-Fator, vai ser redescoberta e posta em prática por Parsons, três séculos mais tarde.

Concluir-se-á, pois, que o livro de Guibelet é que foi inútil? Não, em absoluto. E em primeiro lugar porque serviu para pôr em destaque a obra de Huarte. Além disso, ele tem seu valor próprio. Seu valor literário já foi exposto páginas atrás. Guibelet tem a verve fácil e fina e quando a usa sem ferir, tem graça e ameniza o texto. Mas não é só. Ele traz elementos novos para a orientação vocacional. Léon Walther atribui-lhe até a primazia na menção da inclinação, do gosto, da afeição por uma profissão, como fator de êxito em seu exercício (p. 22). Não lhe pode ser negada a menção, pois é um dos elementos que ele mais vinca em seu estudo, mas quase dois séculos antes, em 1468, Sánchez de Arévalo já fizera menção da inclinação em seu trabalho (Cfr. "Síntese", 1981, 21, 71-86). Em geral suas posições científicas e filosóficas são mais razoáveis, mais equilibradas e mais defensáveis que as de Huarte. Mostra mais respeito e mais modéstia que Huarte ao mencionar os antigos. Só perde o equilíbrio, a moderação, quando lhe vem à tona seu anti-hispanismo. Mas o grande valor de Guibelet é seu sadio otimismo. Ele tem confiança no homem. Para Huarte, "quien bestia va a Roma, bestia torna" (p. 75); se o jovem "é de talento comum e vulgar" (p. 65), se é "mal nascido" (passim), "se lhe falta o talento, tudo o mais — o estudo, a aplicação, a inclinação, os mestres, etc. — são diligências perdidas" (p. 79). Ao contrário, para Guibelet, "qualquer homem — nos limites da normalidade — é capaz de aprender as ciências, desde que a elas se aplique com afeição" (p. 16). As disposições da natureza ajudam para o êxito, mas o essencial é a vontade: "Em vão seríamos bem nascidos e afeiçoados às letras, se não nos déssemos ao trabalho de aprendê-las" (p. 17). "Se a criança é de cabeça dura, e bronca por natureza, desde que queira dar-se ao trabalho, verá que o estudo lhe será mais liberal que a natureza" (p. 19). Isto vem em mil formas em todo o livro, sobretudo nos capítulos II, III, IV, XXXIX e XLIX, mas também nos capítulos VI, IX, XL, XLVI e L. Como já ficou dito, só no capítulo II, em vinte e duas páginas, mais de cem vezes vem mencionada a palavra *vontade*, ou a de instâncias que dela dependem: estudo, trabalho, esforço, aplicação, diligência, disciplina, sacrifício, etc. Que a vontade pode mui-

to contra uma natureza avara é quase o leit-motiv de toda sua obra.

Há ainda outro valor na obra de Guibelet. Logo ao princípio (p. 25 a 29), traz ele uma bela página de pedagogia, tão objetiva, tão equilibrada, tão lúcida, tão profunda em sua simplicidade, que só ela bastaria para nos fazer esquecer todo o fel de Guibelet contra "o nosso espanhol" — no seu dizer — e "sua Espanha". É notável como um homem cujo ofício não é o magistério, tenha visto com tanta clareza o fenômeno da educação.

Parece que se deve dar mais razão a Huarte que a Guibelet no que diz respeito à psicologia, mas dá-se o contrário no que concerne à educação. Huarte tem, sim, boas indicações pedagógicas, mas seu pessimismo com relação ao esforço humano o desacreditariam como educador. Nisso Guibelet viu melhor, viu bem. O educador tem que ser um otimista com relação à natureza, tem que esperar e crer na pessoa. A educação exige paciência, dedicação, desprendimento, autocrítica, confiança, amor. É isso tudo que o otimismo de Guibelet lhe permitiu ver, e que ele traz nesta página magistral de pedagogia.

## BIBLIOGRAFIA

- ( 1 ) GUIBELET, Jordain — Examen de l'Examen des Esprits — Paris, Michel Soly, MDCXXXI, XXII + 813 + 050 pp.
- ( 2 ) HUARTE de San Juan, Jua — Examen de Ingenios para las Ciencias — Madrid, Editora Nacional, 1977, 456 pp.
- ( 3 ) BAYLE et THILLAYE — Biographie Médicale Par Ordre Chronologique — Daniel Leclerc, Revue et Complétée par MM. Bayle et Thillaye, Amsterdam, 1967.
- ( 4 ) COLISH, Marcia L. — the Mime of God: Vives on the nature of man — In: Journal of the History of Ideas, 1962, 23, 1, 3-20.
- ( 5 ) DESDEVISES DU DEZERT, G. — Louis Vives, selon un ouvrage récent — Revue Hispanique, 1905, XII, 373-4r2.
- ( 6 ) Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana — Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 70 vols. + 4 de suplemento, 1930-1958. Verbete "Huarte (Juan)", vol. XXVIII.
- ( 7 ) GUARDIA, J. M. — Histoire de la Médecine d'Hippocrate à Brossais et ses Successeurs — Paris, O. Doin, 1884, XVI + 552 pp.
- ( 8 ) GUARDIA, J. M. — La Médecine à travers les Siècles — Histoire, Philosophie — Paris, 1865, J. B. Baillière et Fils, LX+804 pp.

- ( 9 ) Kindlers Literatur Lexikon im dtv in 25 Bänden – München, Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co., 1974.
- (10) LAIN ENTRALGO, Pedro – Historia Universal de la Medicina – Barcelona, Salvat Editores, S.A., 7 vols., 1972-1976.
- (11) PARSONS, Frank – Choosing a Vocation – New York, Agathon Press, Inc., 1967.
- (12) WALTHER, Léon – A Orientação Profissional e as Carreiras Liberais – Ensaio Psicológico – São Paulo, Edições Melhoramentos, tradução de Vera A. Fernandes Weil e Pierre Weil, s.d.

## NOTAS

### Referente pág. 45:

- ( + ) Ver “Síntese” nº 21, jan-abr. 1981, 71-86; nº 26, set-dez. 1982, 79-99; nº 33, jan-abr. 1985, 77-106 e nº 34, mai-ago. 1985, 79-96.

### Referente pág. 46:

- (++) As páginas não numeradas serão aqui designadas pelo ordinal. O cardinal só será usado, de acordo com o texto, a partir do primeiro capítulo.

### Referente pág. 49:

- ( 1 ) Daqui por diante, G designa sempre Guibert, e H Huarte.

### Referente pág. 64:

- ( 1 ) “O Estado de São Paulo”, 26-10-1984, p. 9.
- ( 2 ) G. Desdèvises du Dezert – Louis Vives, selon un livre récent – Revue Hispanique, 1905, XII, 396.
- ( 3 ) Marcia L. Colish – The mime of God: Vives on the nature of man – in: Journal of the History of Ideas, 1962, 23, 1, 3-20.
- ( 4 ) Menendez y Pelayo, apud Espasa-Calpe, verbete “Huarte (Juan)”, vol. XXVIII.